

ENCONTROS, DESENCONTROS, REENCONTROS: DESAFIOS ÉTICO-POLÍTICOS DE IMPLANTAR UM GRUPO TERAPÊUTICO DE MULHERES NO PRÓPRIO TERRITÓRIO DE VIVÊNCIA

BRUNA BARCELOS DUARTE¹; ADEMIEL DE SANT'ANNA JUNIOR²; MÍRIAM
CRISTIANE ALVES³

¹Universidade Federal de Pelotas – brunabduarte07@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande do Sul – psi.ademielljunior@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – oba.olorioba@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se desenvolve a partir de vivências no projeto de extensão “Diz Aí: clínica feminista e antirracista”, do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPe), e tem como objetivo refletir sobre o compromisso e os desafios ético-políticos que encontramos na implantação de um grupo terapêutico de mulheres no território de vivência da estagiária. O meu intuito é mergulhar na experiência vivenciada em comunidade e problematizar qual é o meu lugar “desde dentro”, pois nasci e me criei na comunidade, e “desde fora”, considerando toda a caminhada que já construí fora deste território, em especial no percurso acadêmico.

Sentir “desde dentro para o desde fora” (CARIBE, 2021, p. 36), é conceber a experimentação de linguagens africanizadas, que no território nos conectam para além das estruturas eurocêntricas, coloniais, sustentando um jogo por onde nos amparamos na manutenção de nossos registros linguísticos, enquanto compreendemos para subverter a língua do colonizador. O desafio que se coloca neste trabalho é o de apresentar minhas narrativas como acadêmica negra de psicologia, em um território de prática onde também tracei minhas vivências como moradora. Arrisco-me a dizer que neste território, desde cedo, consigo experimentar os enfrentamentos às violências do racismo e do sexismo que às autoras em quem tenho me debruçado me ensinam.

Preciso evidenciar aqui, que não é a minha presença, ou a presença de outros projetos da extensão que circulam naquele território, que inventará a condição de sujeitas para as mulheres que tenho escutado. Ao contrário disso, conforme descrito nos pensamentos críticos de bell hooks (2020), quando os grupos acontecem, são sujeitas que se encontram que com elas já trazem suas vivências, economias, políticas e poéticas. A minha função neste caso, trata-se de facilitar neste “encontrão” (SANT'ANNA JUNIOR, 2021) de sujeitas as “conversações” (hooks, 2020), como ferramenta poderosa para construção de processos grupais. Pois, além de redirecionar caminhos e nos fazer experimentar a invenção coletiva de estratégias de sobrevivência nos territórios que habitamos, as conversações: “[...] nos ajudam a olhar para questões complicadas a partir de diferentes perspectivas à medida que as viramos de um lado para o outro e nos esforçamos para construir um novo entendimento (hooks, 2020, p. 85). Com bell hooks lembramos ainda que de uma boa conversa dificilmente vamos esquecer.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho se constrói a partir destas conversações vivenciadas por mulheres negras. Eu estudante negra do curso de psicologia da UFPe,

cursando enquanto escrevo, o oitavo semestre - finaleira da formação - propositalmente aqui inscrita em primeira pessoa, compreendendo com Patricia Hill Collins (2019) a importância da “autodefinição” como modo de construção de minhas afirmações políticas no território, mas também assento meu corpo nesta posição “desde dentro, desde fora” (CARIBE, 2021). A autodefinição passa por este lugar de “vir-a-ter-voz” (COLLINS, 2019).

Este estudo parte de uma “narrativa ficcional” (FONSECA et al., 2015) aqui entendida como pista por onde consigo dizer deste meu corpo que acessa o território, seus afetos, efeitos, incômodos, tensões e alegrias que emergem na criação do “Grupo de Mulheres: Cuidando de Mim”. Este grupo acontece semanalmente, nas quartas feiras às 14h em uma comunidade de Pelotas/RS. No momento em que esse trabalho é escrito somos duas, e já somos muitas participantes no grupo, ambas mulheres negras que experimentam diferentes encontros com esta comunidade que aqui resguardamos o nome. Dona Luz é o nome que dará liga estabelecendo a correspondência ficcional entre eu, o território, as mulheres negras que acessam a este e outros serviços, e dia a dia lidam com as violências do racismo e do sexismo.

A “narrativa ficcional” segundo FONSECA et al. (2015), conversa amplamente com a psicologia social, pois é na aposta nesta modificação dos modos de dizer já conhecidos que construímos outros regimes de afirmação das palavras:

Muda-se o modo de dizer, confere-se à palavra um outro regime de dizibilidade, ela é rachada e liberada das prisões dos significados existentes, abre-se em novas conexões sintáticas, efetua-se como abertura para o não-dizível dos discursos vigentes, esparge respingos que nossos ouvidos, nossas bocas e olhos jamais ousaram experimentar (2015, p.22).

E nesta ampliação de percepções (re)encontro minha comunidade e desde logo já percebo algumas incompreensões, como por exemplo o nome do projeto de extensão: “Clínica feminista e antirracista”. Tanto moradoras da comunidade, quanto as trabalhadoras dos serviços públicos instalados no território: unidade básica de saúde e unidade básica de assistência social, esboçavam em um primeiro momento, alguma dificuldade em conceber as palavras “feminista” e “antirracista” juntas em uma mesma frase. Fico encucada com o fato de não me sentir entendida naquele espaço que cresci. Mas também me lembro de vários momentos nestes quase cinco anos de formação que tive muitas dificuldades para compreender conceitos, acompanhar aulas e pensamentos apresentados ali... Como de fato iniciar uma conversação com minha comunidade que dia após dia têm suas vidas atravessadas pelas violências racistas e sexista? Nas pistas das “Políticas da Narratividade” (FONSECA et al, 2015) talvez encontre este espaço de interlocução poética. A aposta está no sentir ao invés de simplesmente saber. Deste modo o convite é sentir com a história de Luz, o que pode este diálogo entre sentir, perceber e experimentar uma dança entre realidade e ficção.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dona Luz, chega ofegante logo depois do almoço, com ela, chegam novas possibilidades de encontro... Seu nome Maria Luz. Mulher negra, residente da comunidade e assídua frequentadora do Centro Comunitário. Dona Luz sempre tem uma sugestão para a comunidade... Seu investimento naquele território era ardido nos olhos e em suas mãos calejadas pelo trabalho que realizava. - Grupo

de mulheres? Que novidade é essa menina? Clínica-Política Feminista? Não sei se quero participar não...- Enquanto fala Dona Luz me ajuda a organizar a sala e já sugere - Na semana que vem vou trazer uma água doce pra gente beber...- E assim o faz, chega na semana seguinte com suco de pózinho e um pedaço de bolo. Reclama logo que chega - segunda semana que não tô participando desse grupo de mulheres, mas vou te dizer guria... “Eles não poderiam fazer isso por você, não deveriam te dar condições dignas para você desenvolver seu trabalho?” enquanto fala coloca o bolinho na mesa e serve um suco e café pra nós. - Não digo isso por mim não vi, eu nem ligo, mas por você e por outras paciente que virão - Seu protesto era então endereçado ao líder comunitário, homem branco cis hétero sentado na mesa enquanto eu passava a vassoura no chão...- Sem muitas forças naquele calor respondi cansada - Pois é Dona Luz, são sempre eles-conversávamos sobre a vida, as dificuldades, sobre sua dificuldade no acesso aos equipamentos de saúde e assistência. - Tu acredita minha filha que quando fui na consulta com um especialista de veia, a menina do posto abriu meu cadastro e quando ela foi confirmar meu endereço eu olhei a tela e vi de soslaio que eu tava marcada como “branca”, pensa numa preta véia subindo nas tamanca... Eu preta como a noite sendo chamada de branca pelos branco. Fiz a menina corrigir, onde já se viu? Me chama de branca... Tinha que dizer isso pros polícia que me pararam outro dia e me tomaram toda a mercadoria que ia vender...- Falávamos naquilo que não era um grupo terapêutico sobre o que deveria ser um grupo além de sempre conversarmos sobre as estratégias de sobrevivência na comunidade, sobre a mão calejada, sobre seus filhos. Tudo isso enquanto tentamos deixar o local mais aconchegante semana após semana, antes que chegasse alguma paciente para este “grupo de mulheres”. Dona Luz persistente afirmava semana após semana - Não sou dessas novidade de grupo não, é por isso que não venho participar viu? - Até hoje ela diz isso enquanto tomamos café com bolo. Já são dois meses naquele espaço, agora mais aconchegante.

Nesta narrativa ficcional nos encontramos com Dona Luz, esta, “*que não é dessas coisas de grupo terapêutico*”. É possível escutar na fala de Dona Luz a precarização dos serviços de saúde e assistência social que vou compreendendo como parte de um projeto necropolítico (MBEMBE, 2018b). Nas comunidades pretas e pobres este projeto passa a operar não bastando fazer morrer, mas incidindo nos espaços de vida, expropriando direitos e este é o acordo tácito do Estado, que se ocupará do “como morrer” (MBEMBE, 2018b). O apagamento dos direitos individuais e coletivos pela naturalização dos desmontes nos serviços do território, faz com que sobretudo nós pessoas negras, nos sintamos vulneráveis, e isto afeta não só a nossa subjetividade mas a nossa psique. O projeto necropolítico tenta destituir nossa condição de sujeitas, para além dos nossos direitos. O efeito disso pode ser um processo de mortificação, ou seja, “fazer morrer em vida” (MBEMBE, 2018a). São encontros como este com “Dona Luz” que não deixam este projeto necropolítico se consolidar.

4. CONCLUSÕES

Ao naturalizar os seus discursos necropolíticos, um dos primeiros passos do Estado pode ser dos dados daquele território. Estes podem, se não estivermos atentos a estes registros, produzir inconsistências com a realidade do território. Isto pode interferir diretamente no direcionamento das verbas, recursos materiais e imateriais e ações das/nas políticas públicas. E essa “bola (branca)” de

neve” pode crescer, se fortalecer e até colaborar para o desmonte das políticas públicas no território. A medida que são subnotificados como adensaremos a promoção, prevenção e o cuidado?

Dona Luz experimentou este equívoco em seu registro no quesito raça/cor em um serviço de saúde. Chamaram-na de branca, e se ela não estivesse atenta a isso como os equipamentos de saúde transmitiriam Dona Luz aos órgãos reguladores das políticas de assistência, ou mesmo, da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (BRASIL, 2009)? Nossa personagem me chama atenção nestes encontros - que não eram do grupo terapêutico - sobre o modo como precisamos nos afirmar, autodefinir e criar estratégias de cuidado entre nós. Passa também entre nós - mulheres negras, homens negros cis e trans, bixas pretas, travestis pretas, pessoas pretas com deficiência - a potência da conversação (hooks, 2020), para além do que ensinam os livros na universidade, pois caminhando juntas, tomando café, comendo bolo, montando a sala para o grupo que virá, é possível saborear invenções de grupalidade.

Com Dona Luz venho compreendendo que um processo grupal pode e deve ser construído “desde dentro, desde fora”, entre sujeitas que se encontram entre a organização de espaços de aconchego. Desse modo parece possível afirmar nossas estratégias de sobrevivência, combate ao racismo e sexismo, mas principalmente nossas vivências Éticas-Políticas em acontecimento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Cultura. Salvador v. 14, n.2, p.32-56, jul./dez. 2021.

COLLINS, P. H. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019 [1990].

FONSECA, T.M.G; COSTA, L.A; CARDOSO FILHO, C.A; GARAVELO, L.M.C. Narrativas das infâmias: um pouco de possível para a subjetivação contemporânea. **Athenea Digital**: revista de pensamento e investigação social, v. 15, n. 1, p. 225-247, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. **Política Nacional de Saúde integral da população negra**: uma política para o SUS. Brasília, 2009.

CARIBE, P. A. O Cineclubismo de Luiz Orlando: o “desde dentro para desde fora” de um militante negro nas políticas e no mercado cinematográfico dos anos 1980. **Revista Política e**

hooks, b. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020.

hooks, b. **Ensinando comunidade**: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2020.

MBEMBE, A. **Crítica da Razão Negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018a.

MBEMBE, A. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018b.

SANT’ANNA JUNIOR, Ademiel. **Exercícios de Atrevivência**. 2021, 114 f. (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.